

# A “imagem de si” de Paulo em 1Cor 1-4: uma análise à luz do conceito de *ethos* de Dominique Maingueneau<sup>1</sup>

The “Self-Image” of Paul in 1 Cor 1-4: An Analysis in Light of  
Dominique Maingueneau's Concept of Ethos

*Arthur Carletto Meireles<sup>2</sup>*  
*Carla Nascimento Coutinho<sup>3</sup>*  
*José Mário Gonçalves<sup>4</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo a análise da construção da “imagem de si” pelo apóstolo Paulo no contexto de 1Cor 1-4, utilizando o conceito de *ethos* de Dominique Maingueneau como alicerce metodológico. O *ethos*, um elemento central na retórica aristotélica, representa a imagem que o orador procura estabelecer de si mesmo. Ao longo do artigo, procura-se compreender as estratégias retóricas empregadas por Paulo para persuadir os coríntios sobre a legitimidade de seu evangelho, incluindo a hábil utilização de argumentos de opositores em seu favor. O artigo se divide em três partes: uma introdução ao conceito de *ethos* conforme definido por Maingueneau, a contextualização histórica e sociocultural da Primeira Epístola aos Coríntios, e uma análise minuciosa de passagens específicas de 1Cor 1-4, visando identificar a construção do *ethos* por parte de Paulo e seu impacto na audiência alvo.

**Palavras chave:** *ethos*; retórica paulina; 1 Coríntios.

---

Recebido em: 03 de out. de 2023

Aceito em: 11 de out. de 2023

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido como parte do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória - ES, “Paulo e a Retórica: estudo da linguagem e composição de 1Coríntios” (EDITAL FAPES Nº 10/2022 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo – PIBICES 2022).

<sup>2</sup> Graduando em Teologia, Faculdade Unida de Vitória - ES. Bolsista FAPES.

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (FAESA), Especialização em Teologia Paulina (FUV), Especialização em Ciências Sociais com Ênfase em Ensino Religioso (FUV), Graduanda em Teologia (FUV). Bolsista FAPES.

<sup>4</sup> Doutor em História (UFES), professor da Faculdade Unida de Vitória - ES.

**Abstract:** This article aims to analyze the construction of the "self-image" by the apostle Paul in the context of 1 Corinthians 1-4, using Dominique Maingueneau's concept of *ethos* as a methodological foundation. *Ethos*, a central element in Aristotelian rhetoric, represents the image that the speaker seeks to establish of himself. Throughout the article, we seek to understand the rhetorical strategies employed by Paul to persuade the Corinthians of the legitimacy of his gospel, including the skillful use of arguments from opponents in his favor. The article is divided into three parts: an introduction to the concept of *ethos* as defined by Maingueneau, the historical and sociocultural contextualization of the First Epistle to the Corinthians, and a thorough analysis of specific passages from 1 Corinthians 1-4, to identify Paul's construction of *ethos* and its impact on the target audience.

**Keywords:** *ethos*; Pauline rhetoric; 1 Corinthians.

## Introdução

Na retórica aristotélica, são três os tipos de argumentos aos quais o enunciador recorre para alcançar a persuasão almejada em seus discursos: o *ethos*, que é a imagem que ele procura construir a respeito de si mesmo; o *pathos*, que são as emoções que ele procura suscitar nos receptores; e o *logos*, que diz respeito à argumentação racional propriamente dita.<sup>5</sup> Destes três elementos, o *ethos* tem recebido especial atenção na Análise do Discurso, principalmente nos trabalhos de Dominique Maingueneau, que reelaborou o conceito, ampliando seu significado e dando a ele novas nuances.

Neste artigo pretendemos, a partir das considerações de Maingueneau sobre o conceito de *ethos*, analisar a imagem que o apóstolo Paulo constrói de si mesmo em 1Cor 1-4. Acreditamos que tal abordagem nos possibilitará discernir os elementos discursivos que formam a imagem persuasiva de Paulo. Através das técnicas retóricas presentes em seus discursos, investigaremos como ele habilidosamente utiliza os argumentos dos oponentes em seu favor, de modo a persuadir os coríntios da autenticidade do seu evangelho. Essa perspectiva nos ajudará a compreender como a relação entre autor, discurso e público é moldada no contexto de 1 Coríntios 1-4.

A fim de atender a esse objetivo, dividimos o artigo em três partes: na primeira, apresentamos o conceito de *ethos* conforme exposto por Dominique Maingueneau, que será, como indicado, nosso instrumental metodológico para a análise do texto paulino; na segunda parte do texto vamos situar a escrita da Primeira Epístola aos Coríntios em seu contexto histórico e sociocultural, pois isso nos ajudará a compreender como as estratégias retóricas paulinas

---

<sup>5</sup> REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 48-49.

poderiam funcionar naquele cenário; e por fim, vamos nos deter na análise de alguns trechos de 1Cor 1-4 e verificar como o apóstolo procura apresentar o seu *ethos* e tentar discernir como isso poderia ter sido recebido por seus destinatários.

## 1. O conceito de *ethos* em Dominique Maingueneau

Olivier Reboul define retórica como “a arte de persuadir pelo discurso”.<sup>6</sup> Essa definição não se distancia da definição aristotélica clássica, segundo a qual a retórica é “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”.<sup>7</sup> Nesta arte, o *ethos* desempenha um papel fundamental. O *ethos* é a construção da credibilidade, confiança e imagem ética do orador, moldado através de escolhas retóricas que projetam sua autoridade e integridade. A retórica busca utilizar o *ethos* como uma ferramenta persuasiva, transmitindo a mensagem com base na confiança conquistada e na identidade moral estabelecida pelo orador.

Para compreendermos o conceito de *ethos*, é pertinente voltar às raízes da retórica, em especial à obra de Aristóteles, que definiu o *ethos* como a credibilidade do orador, sua capacidade de estabelecer uma imagem persuasiva e confiável diante do público. De acordo com o filósofo grego:

Persuade-se pelo caráter [*ethos*] quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão.<sup>8</sup>

Num comentário a Aristóteles, Reboul afirma que o *ethos* é “o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles

---

<sup>6</sup> REBOUL, 2004, p. XIV.

<sup>7</sup> ARISTÓTELES, *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 95

<sup>8</sup> ARISTÓTELES, 2005, p. 96.

nada obtêm sem essa confiança”.<sup>9</sup> O *ethos* do orador varia conforme o tipo de auditório, mas em todos os casos ele deve procurar atender às expectativas mínimas que se tem em relação a quem discursa, isto é, que pareça sensato, sincero e simpático perante aquele público específico.<sup>10</sup>

Dominique Maingueneau, observa que, em Aristóteles, o *ethos* “está ligado à própria enunciação, e não a um saber extra discursivo sobre o locutor”.<sup>11</sup> Maingueneau, entretanto, chama a atenção para a necessidade de distinguir entre *ethos discursivo*, que está essencialmente ligado ao ato de enunciação, e *ethos pré-discursivo*, que é composto pelas representações que o público constrói do enunciador antes da sua fala.<sup>12</sup>

Na perspectiva ampliada de Maingueneau considera-se necessário, também, levar em conta a grande diversidade de elementos envolvidos na construção do *ethos*, tais como a escolha da língua, das palavras, do ritmo e da modulação do texto ou da fala. Por isso, ele adverte que o *ethos* que o enunciador pensa construir nem sempre corresponde aquele que é recebido pelos ouvintes/leitores: “o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido [...]. Os fracassos em matéria de *ethos* são moeda corrente”.<sup>13</sup>

Outra importante contribuição de Maingueneau para a concepção do *ethos* é que ela vai além da concepção da retórica clássica que conectava o *ethos* aos discursos orais, abarcando, alargando o seu alcance retórico e englobando todo tipo de texto: tanto os orais como os escritos, pois mesmo estes últimos possuem o que ele chama de “vocalidade” que se manifesta em múltiplos “tons”.<sup>14</sup> Nesse ponto o autor francês traz o conceito de *fiador*, que é a imagem que os destinatários constroem do enunciador a partir de certas “representações coletivas estereotípicas” avaliadas positiva ou negativamente e cuja apropriação, por parte dos ouvintes ou leitores, ele chama de *incorporação*.<sup>15</sup>

Assim, o *ethos efetivo* se constitui como o resultado de diversas instâncias: discursivo, pré-discursivo, dito, mostrado,

---

<sup>9</sup> REBOUL, 2004, p. 48.

<sup>10</sup> REBOUL, 2004, p. 48.

<sup>11</sup> MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 13.

<sup>12</sup> MAINGUENEAU, 2008, p.15.

<sup>13</sup> MAINGUENEAU, 2008, p.16.

<sup>14</sup> MAINGUENEAU, 2008, p. 17-18.

<sup>15</sup> MAINGUENEAU, 2008, p.18.

estereótipos ligados aos mundos éticos.<sup>16</sup> É correto afirmar, desta forma que, para o linguista francês, o *ethos* é uma construção discursiva negociada com a audiência:

Se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. [...] De fato, mesmo que o coenunciador<sup>17</sup> não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria do *ethos*.<sup>18</sup>

Em sintonia com o pensamento de Maingueneau, Ruth Amoussy afirma:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem para si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.<sup>19</sup>

Nesse contexto, o *ethos* vai além da mera credibilidade pessoal e engloba as várias identidades que um sujeito assume no discurso. Através de escolhas lexicais, estratégias argumentativas e tom discursivo, o *ethos* é moldado e oferecido ao público como um convite à identificação, credibilidade e adesão.

Como visto até aqui, o conceito de *ethos*, como delineado por Maingueneau, vai além da mera credibilidade, englobando a complexa construção identitária no discurso. Segundo ele, o *ethos* é esculpido por meio de estratégias linguísticas e retóricas que refletem a imagem que o autor almeja projetar para o público. Essa

---

<sup>16</sup> MAINGUENEAU, 2008, p.18-19.

<sup>17</sup> Termo que Maingueneau opta em usar referente a “destinatário”, por acreditar que convém melhor ao caráter fortemente interativo da comunicação verbal.

<sup>18</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOUSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo São Paulo: Contexto, 2014, p. 71.

<sup>19</sup> AMOUSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOUSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9.

construção discursiva envolve elementos como tom, estilo, seleção lexical e a percepção da relação entre o autor, o discurso e a audiência. Portanto, examinar o *ethos* de Paulo à luz dessa perspectiva não apenas nos permite entender sua autoridade, mas também sua estratégia de envolvimento com os coríntios.

Ao entender o *ethos* de Paulo à luz da teoria de Maingueneau, podemos desvendar camadas profundas de significado nas passagens analisadas, revelando não apenas as estratégias retóricas de Paulo, mas também os propósitos e objetivos subjacentes à construção desse *ethos* subversivo e o impacto persuasivo de seu discurso. Ao explorar as estratégias linguísticas e retóricas empregadas por Paulo, nossa intenção é iluminar a natureza subversiva de seu discurso e sua habilidade em utilizar o *ethos* para promover o evangelho e glorificar a Deus (1Cor 1,26-31). Através dessa abordagem, visamos ampliar nossa compreensão do papel retórico de Paulo nas primeiras comunidades cristãs, bem como sua influência duradoura na comunicação da “palavra da cruz”.

## **2. A 1 Carta de Paulo aos Coríntios e seu contexto histórico e sociocultural**

Antes de prosseguirmos na análise do texto paulino, convém situarmos a escrita da Primeira Epístola aos Coríntios e seu lugar histórico e sociocultural. Isso nos permitirá entender a dinâmica das relações sociais estabelecidas e verificar como as estratégias retóricas mobilizadas por Paulo poderiam ser recebidas pelos seus destinatários.

A cidade de Corinto – cuja comunidade cristã, de acordo com o testemunho dos Atos dos Apóstolos, foi fundada pelo apóstolo Paulo na companhia do casal Priscila e Áquila (At 18,1-11) – situada entre o continente grego e o Peloponeso, entre o mar Egeu e o Jônico, entre os portos de Cencreia e Laqueu, fazendo a ligação comercial entre Oriente e Ocidente, era das mais importantes e ricas metrópoles gregas antigas.<sup>20</sup> Tornada colônia romana em 44 a.C., a cidade foi reconstruída e reorganizada de acordo com os padrões de organização política, social, cultural e religiosa dos colonizadores, o que significava, entre outras coisas, ser organizada sob o sistema escravagista e com uma grande disparidade entre ricos e pobres entre os seus habitantes. Não obstante as desigualdades sociais existentes, a cidade viveu um período economicamente próspero no

---

<sup>20</sup> FERREIRA, Joel Antônio. *1 Epístola aos Coríntios: a sabedoria cristã e a busca de uma sociedade alternativa*. São Paulo: Fonte, 2013, p. 20.

período entre os imperadores Augusto e Nero.<sup>21</sup> Na opinião de Gordon Fee:

Como Corinto não tinha uma aristocracia fundiária, uma aristocracia de dinheiro logo se desenvolveu, junto com um espírito ousadamente independente. Mas nem todos enriqueceriam da noite para o dia; por esse motivo, milhares de artesãos e escravos constituíam a maioria da população. Mas o mais provável é que a notável riqueza da cidade tenha transbordado para o benefício dessas pessoas também.<sup>22</sup>

Em Corinto, como no mundo romano antigo em geral, poder político e riqueza são os principais indicadores sociais de alguém. Eles sinalizam a distinção social e o prestígio de alguém, separando-o das massas. Inversamente, quando a alguém faltam essas características, fica ele fadado ao desprezo e ao menosprezo, em virtude de sua pobreza, da necessidade de trabalhar para subsistir e pela falta de direitos pessoais.<sup>23</sup>

Nesse cenário, as relações de poder entre as diversas camadas sociais era arranjada na forma do regime do *patronato*. Essa era a forma de relações de poder dominante em todo o Império. Sua lógica estava baseada nos laços de dependência entre *patronos* e *clientes*, começando com o próprio Imperador, o grande patrono do Império, “que garantia às comunidades ou aos indivíduos *status*, privilégio, recursos ou um julgamento favorável”.<sup>24</sup> Por meio da troca de favores e serviços entre aqueles que estavam acima e abaixo, as elites romanas tentavam manter o controle e a coesão social, de forma a evitar conflitos, bem como transformações que fossem verdadeiramente benéficas para os grupos subalternos da sociedade.<sup>25</sup>

A lógica do patronato apoiava-se nos valores da *honra* e do *prestígio* que eram derivados do poder de dar aos outros aquilo que eles queriam ou precisavam.<sup>26</sup> Quanto maior esse poder, maior era a

---

<sup>21</sup> FERREIRA, 2013, p. 21

<sup>22</sup> FEE, Gordon D. *I Coríntios*: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 2.

<sup>23</sup> STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGMANN, Wolfgang. *História Social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 75.

<sup>24</sup> HORSLEY, Richard A. Patronato, sacerdotes e poder. In: HORSLEY, Richard A. (org.) *Paulo e o Império*: religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004, p. 95.

<sup>25</sup> HORSLEY, 2004, p.98

<sup>26</sup> HORSLEY, 2004, p.98

honra e prestígio do patrono. Nesse cenário, pouco estímulo havia para o estabelecimento de relações igualitárias.

A dinâmica dessas relações começava na casa (*oikos*), na qual o *pater familias*, estava no topo da hierarquia e todos os demais membros da casa – esposa, filhos, escravos e libertos – sob a sua autoridade e dependência. Fora da vida doméstica, essas relações de dependência continuavam: os escravos libertos estavam para sempre ligados aos seus antigos senhores, a quem deviam respeito e lealdade. Os homens livres tornavam-se clientes dependentes de um patrono poderoso, aos quais se ligavam através de laços de lealdade ou confiança (*fides*). Isso implicava na obrigação do cliente prestar serviços ao seu patrono e apoiá-lo em seus empreendimentos políticos, econômicos e sociais; e o patrono, por seu turno, assumia a obrigação de proteger os interesses do seu cliente, dando a ele acesso às suas ligações sociais e aos seus recursos.<sup>27</sup>

As relações de patronato envolvia não somente indivíduos, mas também províncias, cidades, associações profissionais tinham seus patronos, que defendiam seus interesses e patrocinavam suas atividades. Era uma posição extremamente dispendiosa, mas a recompensa era o prestígio recebido: “seus clientes agradecidos os louvavam com inscrições e os imortalizavam com estátuas”.<sup>28</sup>

Essa prática também se estendia às comunidades cristãs. Considerando que as primeiras comunidades cristãs se reuniam em casas (*oikos*), isso implicava na inserção dessas comunidades nas relações de dependência que geriam esses espaços. O *pater familias* acabava por exercer um papel de patrono da comunidade que estava sob a sua casa e podia esperar da comunidade as devidas homenagens prestigiosas.<sup>29</sup> Na comunidade de Corinto, à época paulina, as coisas não deveriam ser diferentes:

Se o patronato era parte tão importante da vida da Corinto romana, seria de todo irrealista esperar que os cristãos ali residentes estivessem totalmente insensíveis a sua influência e se comportassem de maneira totalmente nova logo depois da sua conversão. Pelo contrário, é bem provável que o patronato venha a ser o fundamento da compreensão dos vínculos relacionais da igreja e

---

<sup>27</sup> LAMPE, Peter. Paulo, os patronos e os clientes. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 429-431.

<sup>28</sup> LAMPE, 2008, p. 436-437.

<sup>29</sup> MEEKS, Wayne. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 123-126.

de alguns dos problemas que Paulo discutiu em 1 Coríntios.<sup>30</sup>

Se esse era o cenário em Corinto, podemos pensar nos conflitos existentes na comunidade e tratados em 1 Coríntios como conflitos que envolviam a busca por prestígio patronal por parte dos diversos grupos existentes na cidade (1Cor 1,11-12), cada um reunido em uma casa e com o seu próprio patrono.<sup>31</sup> Considerando que Paulo procurava opor a esse modelo hierarquizado e verticalizado uma outra alternativa baseada nos novos valores do evangelho que pregava, faz sentido que ele procurasse construir uma imagem de si que estivesse em oposição a essas expectativas.

### 3. O ethos paulino em 1 Coríntios 1,1-4,2132

A abordagem adotada no presente trabalho aborda 1Coríntios como uma carta unitária, enviada de uma só vez.<sup>33</sup> Entretanto, uma abordagem diacrônica – que entende que 1Coríntios 1,1-4,21 constitui um conjunto facilmente isolável, pois dá impressão de constituir o fim de uma carta, a qual só falta a saudação final e não prepara, de maneira alguma, o início do próximo capítulo (cf. 1Cor 5,1-13), que começa abruptamente – não inviabiliza ou interfere a análise que faremos.<sup>34</sup>

Tendo como pressuposto que a epístola não foi endereçada para destinatários judeus cristãos palestinos, pelo menos em grande

---

<sup>30</sup> CHOW, John K. Patronato na Corinto romana. In: HORSLEY, Richard A. (org.) *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 129.

<sup>31</sup> “Portanto a estrutura da igreja primitiva era fragmentada: *várias* igrejas domésticas reuniam se numa cidade. Ou seja *vários* patronos acolhiam as reuniões da igreja e nenhum patrono possuía o monopólio da liderança numa cidade.” (LAMPE, 2008, p. 440).

<sup>32</sup> Para operacionalizar nossa análise utilizaremos a tradução da *Bíblia de Jerusalém*: Nova edição revista e ampliada (São Paulo: Paulus, 2002). Só recorreremos ao texto original quando acharmos pertinente. Esta Bíblia foi escolhida por ser uma tradução formal e interconfessional ou ecumênica. Uma tradução formal é aquela que faz uso do princípio de equivalência formal, isto é, orienta-se principalmente pela língua fonte e procura conservar, ao máximo, as características gramaticais, a estrutura de cláusulas e frases e a consistência na tradução dos termos da língua original. É interconfessional ou ecumênica aquela tradução bíblica não apenas feita por uma comissão de tradutores de diversas confissões religiosas como também estabelece como público-alvo leitores de vários grupos religiosos.

<sup>33</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 707.

<sup>34</sup> MARGUERAT, Daniel. *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 238.

maioria, mas para cristãos gregos e talvez judeus helenizados das comunidades gentílicas-cristãs recém-criadas, na sua argumentação o enunciador se apropria dos conceitos de *sabedoria*, *loucura*, *poder* e *fraqueza* e subverte-os para persuadí-los a mudar o conceito equivocado do conteúdo e forma de sua pregação. Comentando o verso 1,25, José Adriano Filho afirma:

Ele não dispensa os termos referentes a status elevado e, tampouco, ataca a hierarquia e prega a igualdade, mas apropria-se de termos como “sabedoria” e “poder” e os apresenta em linguagem apocalíptica: Deus escolhe a loucura e derruba o que é considerado elevado por meio de algo considerado desprezível. Na sua sabedoria e poder todas as qualidades humanas tornam-se tolas e fracas (1,25). O mundo apocalíptico não dissolve as hierarquias existentes numa igualdade. Nele, os valores do mundo greco-romano são reconhecidos, mas invertidos. O evangelho apocalíptico revela a instabilidade dos valores da cultura greco-romana e os substitui por um mundo no qual o que é elevado torna-se baixo, é o que é baixo torna-se elevado.<sup>35</sup>

Em 1Cor 1-4, Paulo capitaliza o contraste entre a sabedoria divina e a humana para subverter o valor atribuído à sabedoria terrena, construindo, assim, um *ethos* que ressalta a supremacia da mensagem da cruz (1Cor 1,18-25). A análise do seu discurso nos capacita a examinar de maneira ampla as escolhas retóricas de Paulo. Por meio da exploração das escolhas lexicais, estratégias argumentativas e tom discursivo, desvendamos não apenas a intenção comunicativa de Paulo, mas também a identidade que ele procura projetar para a audiência coríntia. A ênfase na sabedoria divina em detrimento da humana e a exaltação dos fracos sobre os fortes (1Cor 1,26-31) não apenas fomentam o evangelho, mas também forjam a imagem de Paulo como um apóstolo subversivo que inverte as normas sociais em favor da mensagem cristã, conforme 1Cor 1,27-29:

Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a

---

<sup>35</sup> FILHO, José Adriano. O *modus operandi* de Deus e a composição da comunidade cristã: Um estudo de 1 Cor 1,26-31. *Theologica Xaveriana*, v. 69, n. 187, 2019, p. 11.

fim de que nenhuma criatura possa vangloriar-se diante de Deus.

Ao analisarmos as estratégias retóricas de Paulo na construção do seu *ethos*, destacamos sua habilidade em subverter discursos convencionais, forjando uma identidade que enaltece a Deus e dissemina a mensagem do evangelho (1Cor 1,22-24; 2,1-5). Em 1Cor 1-4, podemos observar uma multiplicidade de técnicas retóricas empregadas para fortalecer seu *ethos* persuasivo. Ele estabelece sua credibilidade pessoal ao compartilhar suas dificuldades e sofrimentos como apóstolo, demonstrando humildade e igualdade com seus destinatários. Ele enfatiza que enfrenta os mesmos desafios e adversidades que os coríntios e até mais, como é evidente em sua descrição de fome, sede, nudez e tratamento brutal (1Cor 4,9-13). Ao se identificar com os coríntios por meio de suas lutas, Paulo cria uma conexão empática com eles, mostrando que está disposto a compartilhar suas dificuldades e a enfrentar sacrifícios semelhantes em sua missão de pregar o evangelho. Essa abordagem não apenas humaniza Paulo aos olhos dos coríntios, mas também reforça sua autoridade apostólica ao mostrar que ele está disposto a viver de acordo com as mesmas normas e desafios que prega. Neste trecho da carta, o apóstolo constrói uma imagem de igualdade e empatia, fortalecendo sua conexão com os coríntios e reforçando sua credibilidade como mensageiro do evangelho. Essa é uma experiência pessoal que confere autoridade e autenticidade a Paulo como apóstolo.

Além disso, ele demonstra seu conhecimento das Escrituras judaicas, fundamentando seus argumentos na sua tradição religiosa e conectando a mensagem do evangelho às profecias do Antigo Testamento (1Cor 1,18-25). Paulo faz referências diretas ao texto bíblico em 1,19, onde cita Isaías 29,14 e em 1,31, onde cita Jeremias 9,22-23.<sup>36</sup> Ao citar ou aludir às Escrituras, ancorando seus argumentos na tradição religiosa e profética do Antigo Testamento, Paulo está trabalhando na construção do seu *ethos*, legitimando-se como um mestre, contra as suspeitas de que lhe falta sabedoria. E faz isso não sem ironia, pois citar as Escrituras no contexto de uma comunidade é uma forma de demonstrar sabedoria, ainda que seja uma passagem paradoxalmente crítica à sabedoria humana: “destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes” (1Cor 1,19).

---

<sup>36</sup> Sobre essas citações, veja-se ADRIANO FILHO, José. “Como está escrito”: releitura de LXX Isaías 29.14b e LXX Jeremias 9.22-23 em 1 Coríntios 1.18-31. *Estudos Teológicos*, v. 59, n. 1, p. 168-182, 2019.

Em oposição à sabedoria humana está a loucura de Deus, com a qual Paulo se identifica. O Evangelho é pregação da cruz, e é loucura para os que se perdem e poder de Deus para os que creem. A ideia subjacente à teologia de Paulo é a seguinte: como o mundo não quis reconhecer Deus pela sabedoria e na sabedoria, Deus decidiu se fazer de louco e se revelar no paradoxo da comunicação da cruz (1,18-25). Essa loucura de Deus determina a constituição da comunidade de Corinto (1,26-31); ela é o mistério do qual o apóstolo é portador (2,1-5), e ela é a verdadeira sabedoria (2.6-3.4).<sup>37</sup>

As duas consequências dessa inversão da imagem de Deus são, primeiramente, que os apóstolos não são mediadores, porque os crentes são propriedade de Deus e sua relação com Deus é através do Espírito que está neles (3.5-18).<sup>38</sup> Os coríntios precisam compreender que são templo de Deus, no qual o Espírito vive, e desprezar a sabedoria deste mundo como loucura aos olhos de Deus (1Cor 3,16-23). De forma altamente retórica, Paulo contrasta “nós, apóstolos” (os verdadeiros, cf. 1Cor 4,9) aos coríntios que se orgulham da própria postura religiosa, embora nada possuam que não tenham recebido (1Cor 4,7). “Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém sois prudentes em Cristo [...]” (1Cor 4,10).<sup>39</sup>

A singularidade da loucura paulina afirma-se como ato de fé professada: “Deus achou por bem salvar os que creem, pela loucura da pregação” (1Cor 1,21). O apóstolo está profundamente convencido da opção preferencial de Deus pelos pobres, pelos mais fracos e marginalizados. A eleição da cruz como mensagem de salvação leva Paulo a crer que Deus escolhe o que é considerado “lixo” (1Cor 4,13) subvertendo assim as estruturas de honra e vergonha; louco e sábio; fraco e forte.

O drama do “louco” reflete a própria experiência vexatória de Cristo na cruz, o primeiro dos loucos. O discurso paulino assume a radicalidade do evento de Cristo crucificado, o discurso da sabedoria deixa de ter lugar, porque Deus escolheu o que é louco para o mundo (cf. 1Cor 1, 19-20. 2, 1,4). A loucura de Paulo brota da própria loucura de Cristo: a força carismática que brota do Espírito de poder e que marcou o ministério de Jesus.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 684.

<sup>38</sup> MARGUERAT, Daniel. *Novo testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 234.

<sup>39</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 684.

<sup>40</sup> COSTA, José Joaquim M. C.: *A retórica da loucura na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios: o recurso teológico a uma categoria inesperada*. Dissertação

O apóstolo encontra no papel do louco e no “poder” do espírito, assunto que abordaremos a seguir, o melhor meio para recuperar sua autoridade apostólica e tentar sanar as facções e repor livremente a verdade do Evangelho, tida como loucura e escândalo. As exortações concluem a argumentação e põem formalmente fim a essa primeira parte da epístola (cf.1,10-4,19-21), que constitui um todo em si mesma.<sup>41</sup>

Em 1Coríntios 4,19b-20, Paulo expressa de forma explícita mais uma característica de seu *ethos*, que podemos chamar de *ethos carismático*: “Mas, se o Senhor o permitir, em breve irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder. Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder.”

O *ethos* carismático pode ser percebido em duas expressões que ligam essa seção final a todo o texto precedente. “Palavra” (*logos*), que poderia ser uma simples referência à maneira “como eles estão falando”, caso não estivesse em contraste com “poder” (*dynamis*)<sup>42</sup> e não fosse adjetivado pela expressão “dos orgulhosos”.<sup>43</sup>

Eles são “orgulhosos” contra Paulo (v.6, “ninguém se ensoberbeça, tomando o partido de um contra o outro.”), em parte porque a ele (Paulo) falta o *logos* (“palavra, fala”; cf. 1,17, 2,1-5) que era tão importante como sinal de prestígio para os mestres retóricos e seus patronos. Mas, em contraste com o *logos* caracterizado pela sabedoria que exigem dele, ele já os lembrou de seu verdadeiro *logos* (“pregação”), que “nada tinha da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder...” (cf. 2,4-5).

---

(Mestrado em Teologia) - Faculdade De Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2019, p. 133-134.

<sup>41</sup> MARGUERAT, 2012, p. 234.

<sup>42</sup> “O termo paulino favorito para poder é *dynamis*, e seus cognatos, que ocorrem em todos os seus escritos. De vez em quando ele também usa as palavras *kratos* e *ischys* para falar de capacidade inerente ou derivada. Paulo usa *exousia* geralmente no sentido da autoridade certa para exercer poder, e energia/*energeō* para se referir à realização do poder em circunstâncias concretas. Com certeza, o conceito de poder paulino não se restringe a um conjunto de termos que denotam poder. Quando fala do Espírito, Paulo muitas vezes tem em mente o poder sobrenatural do Espírito. Do mesmo modo, seu emprego das expressões “graça”, “glória”, “plenitude e até “em Cristo” transmite com frequência a ideia de poder divino como parte de seus sentidos contextuais”. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G.. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo, SP: Loyola/Vida Nova/Paulus, 2008, p. 986

<sup>43</sup> Fee, Gordon D. *I Coríntios: comentário exegetico*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 232-233.

Usando um *ethos* de autoridade o enunciador ameaça os arrogantes: quando ele voltar, eles terão apenas *logos*, ou também serão capazes de demonstrar o *dynamis* de Deus em sua sabedoria mundana? Eles afirmam ter o Espírito; será que demonstrarão aquilo que, para Paulo, é a questão crucial, a saber, a presença poderosa e dinâmica do Espírito entre eles para salvar e santificar (cf. 5.1-5)? A fala de Paulo é desafiadora e ele procura demonstrar que não tem medo algum do resultado desse confronto.<sup>44</sup> Ele parece convicto de que, em toda a sua aparente fraqueza, o evangelho do Cristo crucificado é, assim mesmo, o poder de Deus para a salvação daqueles que creem. O que falta à posição atual deles é o verdadeiro poder do Espírito, que leva as pessoas a nascerem para uma vida nova em Cristo (cf. 4,15).<sup>45</sup>

O desafio apresentado aos “orgulhosos” é confirmado pela palavra explicativa do v. 20: “Pois o Reino de Deus não consiste em palavras (*logos*), mas de poder (*dynamis*)”. A verdadeira ação não acontece na esfera em que estão no momento tentando situá-la, naquilo que é apenas sabedoria humana que “se vangloria” em seres humanos. Aquilo em que Paulo está interessado é “o reino de Deus”. Nessa passagem, (à semelhança de Romanos 14,17), Paulo deixa claro que para ele o reino era “agora”, mas, ao mesmo tempo, “ainda não”.<sup>46</sup> O reino cujo início já foi inaugurado pela ressurreição de Jesus e pela vinda do Espírito se caracteriza pelo poder do Espírito. Aí está a derradeira linha divisória entre a visão deles de espiritualidade e a de Paulo.<sup>47</sup>

### Considerações finais

Em 1 Cor 1-4 Paulo procurou construir para si um *ethos* subversivo. Numa sociedade obcecada com honra e prestígio, e que via tais valores materializados em manifestações de sabedoria e poder humanos, ele se apresenta como aquele que é *louco e fraco*. No entanto, sua loucura é a loucura de Deus, a loucura da cruz, a loucura de Cristo, na qual está oculta a verdadeira sabedoria, a sabedoria de Deus. Tal *ethos* subversivo é também um *ethos* carismático, pois assim como a sua loucura revela-se como sabedoria

---

<sup>44</sup> FEE, p. 232,233.

<sup>45</sup> Nogueira, Sebastiana; MACHADO, Jonas. *Lendo as cartas aos coríntios: unidade, diversidade e autoridade apostólica na comunidade cristã*. São Paulo: Paulus, 2021, p. 33-41.

<sup>46</sup> FEE, Gordon. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.181.

<sup>47</sup> Fee, Gordon D. *I Coríntios: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019. p. 232,233

divina, a sua fraqueza, que também é a fraqueza da cruz, revela-se como poder de Deus.

Teria tal *ethos* sido compreendido como Paulo esperava? Os membros da comunidade de Corinto – ao que parece, tão impregnados dos valores de honra e prestígios quanto seus pares não-cristãos – teriam se convencido que o Evangelho seria, conforme Paulo apresentava, uma inversão da lógica do patronato, onde o que é desprezível tem a primazia sobre o que é respeitável? A retórica paulina mostrara-se eficaz, persuadindo os diversos grupos que combatiam entre si a assumirem esses novos e misteriosos valores do evangelho da cruz? É difícil saber, pois, como lembrou Maingueneau nas palavras anteriormente citadas, o *ethos* que se pretende mostrar nem sempre é o *ethos* percebido e os fracassos nesse campo são muito comuns.<sup>48</sup> Mas talvez isso esteja dentro da lógica do próprio evangelho pregado por Paulo, segundo o qual: “o homem psíquico [natural] não aceita o que vem do Espírito de Deus. É loucura para ele; não pode compreender, pois isso deve ser julgado espiritualmente” (1 Cor 2,14).

### Referências

- ADRIANO FILHO, José. “Como está escrito”: releitura de LXX Isaías 29.14b e LXX Jeremias 9.22-23 em 1 Coríntios 1.18-31. *Estudos Teológicos*, v. 59, n. 1, p. 168-182, 2019.
- ADRIANO FILHO, José. O modus operandi de Deus e a composição da comunidade cristã: Um estudo de 1 Cor 1,26-31. *Theologica Xaveriana*, v. 69, n. 187, p. 1-20, 2019.
- AMOUSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOUSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9-28.
- ARISTÓTELES, *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CHOW, John K. Patronato na Corinto romana. In: HORSLEY, Richard A. (org.) *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 111-129.
- COSTA, José Joaquim M. C.: *A retórica da loucura na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios: o recurso teológico a uma categoria inesperada*. Dissertação (Mestrado em Teologia) -

---

<sup>48</sup> MAINGUENEAU, 2008, p. 16.

- Faculdade De Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2019.
- FEE, Gordon D. *I Coríntios: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- FEE, Gordon. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2015.
- FERREIRA, Joel Antônio. *1 Epístola aos Coríntios: a sabedoria cristã e a busca de uma sociedade alternativa*. São Paulo: Fonte, 2013
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola/Vida Nova/Paulus, 2008.
- HORSLEY, Richard A. Patronato, sacerdotados e poder. In: HORSLEY, Richard A. (org.). *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 95-102.
- LAMPE, Peter. Paulo, os patronos e os clientes. In: SAMPLEY, J. Paul. (org.) *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 429-457.
- MAINGUENEAU, Dominique. *A propósito do ethos*. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11 – 29.
- MARGUERAT, Daniel. *Novo testamento: história, escritura e teologia*. 2 São Paulo, SP: Loyola, 2012.
- MEEKS, Wayne. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOGUEIRA, Sebastiana; MACHADO, Jonas. *Lendo as cartas aos coríntios: unidade, diversidade e autoridade apostólica na comunidade cristã*. São Paulo: Paulus, 2021.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGMANN, Wolfgang. *História Social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.